



TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS EM ACADÊMICOS DE MEDICINA EM UMA FACULDADE PRIVADA DO TOCANTINS

COMMON MENTAL DISORDERS IN MEDICAL STUDENTS IN A PRIVATE COLLEGE IN
TOCANTINS, BRAZIL

**Filippi Castro Sousa Oliveira¹, Igor Henrique Coelho Fonseca², José Walter Lima
Prado³, Bruno Medrado Araújo⁴**

Os transtornos mentais comuns (TMC) representam os quadros menos graves e mais frequentes de transtorno mental. O Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) é um instrumento desenvolvido para rastrear distúrbios psiquiátricos, validado no Brasil e recomendado pela Organização Mundial da Saúde. Composto por 20 perguntas com respostas dicotômicas (sim ou não), sobre sintomas físicos e desordens psicoemocionais. O estudo objetivou estimar a prevalência de TMC em uma população de estudantes do curso de medicina (primeiro ano e internato) da UNITPAC. Trata-se de um estudo descritivo de corte transversal e censitário realizado em setembro de 2017 envolvendo 199 acadêmicos do curso de medicina. Para o rastreamento de TMC, utilizou-se o SRQ-20 respondido de forma autoaplicável e anônima. A prevalência encontrada foi de 47,87%, sendo maior entre alunos do primeiro ano (53,2%), sexo feminino (51,79%) e menor ou igual a 19 anos (50,98%). Estes dados demonstram uma elevada prevalência de TMC na amostra pesquisada e indica a necessidade de ações voltadas para saúde mental dos estudantes e reflexão do processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, quanto mais precocemente os estudantes de medicina puderem refletir sobre seu próprio cotidiano e qualidade de vida, terão melhores condições para lidar com seus anseios e dificuldades e, assim, contribuir com o próximo.

Palavras-Chave: Biópsia. HPV. Papiloma escamoso.

Common mental disorders (CMD) represent the milder and more frequent conditions of mental disorder. The Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) is an instrument developed to track psychiatric disorders, it is validated in Brazil and recommended by the World Health Organization. It consists of 20 questions with dichotomous answers (yes or no), about physical symptoms and psychoemotional disorders. This study wanted to estimate the prevalence of CMD in a population of medical students (first year and medical internship) at UNITPAC. It's a descriptive cross-sectional and census study done in September 2017 involving 199 medical students. For the CMD tracking, the SRQ-20 was answered in a self-applicative and anonymous way. The prevalence was 47,87%, higher among first-year students (53,2%), female (51,79%) and less than or equal to 19 years old (50,98%). These elements demonstrate a high prevalence of CMD in the specimen and indicate the need for actions focused on the mental health of students and reflection on the teaching-learning process. In this context, medical students should reflect early on their own daily life and quality of life, because in this way, they will have better conditions to deal with their troubles and difficulties and thus contribute with others.

Keywords: Biopsy. HPV. Squamous papilloma

¹ Acadêmico do Curso de Medicina. Centro Universitário- ITPAC; Av. Filadélfia, 568; Setor Oeste; CEP: 77.816-540; Araguaína - TO. E-mail: filippicastro1@gmail.com

² Acadêmicos do Curso de Medicina. Centro Universitário- ITPAC; Av. Filadélfia, 568; Setor Oeste; CEP: 77.816-540; Araguaína - TO. E-mail: igor.coelho.medicina@gmail.com

³ Médico Psiquiatra e Docente no Centro Universitário- ITPAC; Av. Filadélfia, 568; Setor Oeste; CEP: 77.816-540; Araguaína - TO. E-mail: jwalter.prado@hotmail.com.

⁴ Doutor em Ciência Animal pela Universidade Federal do Goiás e Docente no Centro Universitário- ITPAC; Av. Filadélfia, 568; Setor Oeste; CEP: 77.816-540; Araguaína - TO. E-mail: bruno.medradoaraujo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A formação em Medicina é extensa, densa e com grandes responsabilidades. Constitui uma escolha que exigirá afeição pela labuta médica e, sobretudo, preparação contínua para atingir a concorrência crescente e o nível intelectual dos demais estudantes que fizeram essa mesma escolha (ANDRADE et al., 2014).

Após driblar a concorrência desumana dos atuais vestibulares, o estudante ingressa na universidade. Esse período de início da vida universitária pode ser um período estressante para os estudantes em função das mudanças que os acometem. Existem estudantes que respondem de forma positiva a essas mudanças, apresentando uma adaptação satisfatória e alguns estudantes não conseguem se adaptar às exigências da sua formação, podendo vivenciar um grande sofrimento psíquico (MOREIRA; VASCONCELLOS; HEATH, 2015).

Além disso, a formação médica apresenta vários eventos estressores, entre os quais carga horária intensa e extensa, dificuldades em conciliar a vida pessoal e a acadêmica, competitividade entre os estudantes, privação do sono, realização de exame físico em pacientes e medo de adquirir doenças e de cometer erros (MOREIRA; VASCONCELLOS; HEATH, 2015).

É por conta desses estressores que o estudante de medicina pode desenvolver transtornos psiquiátricos. Estima-se que 15 a 25% deles apresentem algum transtorno durante a formação acadêmica, notadamente a depressão e a ansiedade (NORONHA JÚNIOR et al., 2015).

E o pior, além de todo o sofrimento psíquico que podem vivenciar, o estresse nos estudantes de Medicina pode alterar suas capacidades e funções cognitivas, prejudicando sua qualidade de vida e interferindo diretamente no aprendizado e, por conseguinte, no cuidado ao doente (LIMA et al., 2016)

Infelizmente, apesar da grande prevalência de sintomas psicológicos entre os estudantes, poucos procuram apoio psicológico, por vários fatores, como falta de tempo, dificuldades de acesso aos profissionais de saúde mental, estigma em relação à doença mental e alto custo do

tratamento (MOREIRA; VASCONCELLOS; HEATH, 2015).

É urgente que as escolas médicas tornem visível, na formação profissional, o sofrimento psíquico, muitas vezes negligenciado e até estigmatizado pelos próprios professores. Nesse sentido, os serviços de apoio psicológico são uma estratégia institucional positiva, que oferecem suporte ao estudante que não conseguiu desenvolver estratégias saudáveis de enfrentamento. Também há os programas de tutoria, que se propõem a criar um espaço acolhedor e propício ao diálogo na formação, onde um professor atua como tutor e um grupo de alunos como tutorandos, que encontram no tutor uma figura de referência dentro do curso (MOREIRA; VASCONCELLOS; HEATH, 2015).

1.2 Transtornos Mentais Comuns

Os transtornos mentais comuns (TMC), também denominados como transtornos psiquiátricos menores, representam os quadros menos graves e mais frequentes de transtorno mental. Os sintomas incluem alterações de memória, dificuldade de concentração e de tomada de decisões, insônia, irritabilidade e fadiga, assim como queixas somáticas (cefaleia, falta de apetite, tremores, sintomas gastrointestinais, entre outros), mas não incluem transtornos psicóticos, dependência química ou transtornos de personalidade (FIOROTTI et al., 2010, ROCHA; SASSI, 2013).

Ser portador de TMC é uma condição que não implica diagnóstico psiquiátrico formal, porém representa custos enormes em termos de sofrimento psíquico e impacto nos relacionamentos e na qualidade de vida, comprometendo o desempenho nas atividades diárias e constituindo causa importante de afastamento do trabalho, demanda nos serviços de saúde e prejuízos econômicos, sendo potencial substrato para o desenvolvimento de transtornos mais graves (FIOROTTI et al, 2010).

Com relação a sua epidemiologia, pesquisas internacionais trazem que a prevalência de TMC varia entre 32,4%, na Etiópia, a 51,8%, na Dinamarca. No Brasil, por sua vez, esta varia entre 29,6% a 47,4%. Pessoas com mais idade, do sexo feminino, de baixa renda, baixo nível de

escolaridade, tabagistas, divorciados ou viúvos, de cor negra ou parda e doentes crônicos, são aqueles onde a prevalência de TMC é mais intensa (SILVA et al., 2016).

2. OBJETIVO

Avaliar a prevalência transtornos mentais comuns em uma amostra de estudantes de medicina do primeiro ano e internato numa faculdade privada do norte do estado do Tocantins através da aplicação do teste Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20).

3. MÉTODO

Trata-se de um estudo observacional descritivo de corte transversal, no qual foi realizada aplicação do instrumento de pesquisa. A pesquisa foi realizada no UNITPAC, envolvendo estudantes regularmente matriculados no curso de Medicina do primeiro do ano e internato.

O *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20) é um instrumento desenvolvido para rastrear distúrbios psiquiátricos em estudos comunitários e em atenção básica à saúde, principalmente nos países em desenvolvimento, foi proposto por Harding et al. (1980), validado no Brasil por Mari e Willians (1986) e recomendado pela Organização Mundial da Saúde (FIOROTTI et al., 2010, ROCHA; SASSI, 2013, GONÇALVES; STEIN; KAPCZINSKI, 2008).

Esse instrumento é composto por 20 perguntas com respostas “sim” ou “não”, sendo quatro perguntas sobre sintomas físicos e 16 sobre distúrbios psíquicos. Os sintomas avaliados são referentes aos últimos 30 dias, e a cada resposta “sim” é atribuído um ponto, resultando numa pontuação final que varia de 0 a 20 pontos (FIOROTTI et al., 2010, ROCHA; SASSI, 2013).

Por tratar-se de um instrumento para rastreamento, e não diagnóstico, a determinação do ponto de corte para detecção de casos, com respectivas sensibilidade e especificidade, precisa ser feita por meio da comparação com o padrão ouro, isto é, entrevista psiquiátrica padronizada (GONÇALVES; STEIN; KAPCZINSKI, 2008).

No Brasil, o SRQ-20 foi comparado com entrevista psiquiátrica formal utilizando-se o instrumento semiestruturado CIS (*Clinical Interview Schedule*) em meados da década de 1980. Nesse estudo a sensibilidade e especificidade foram, respectivamente, 83% e 80% utilizando como ponto de corte 7/8 para mulheres e 5/6 para homens (GONÇALVES; STEIN; KAPCZINSKI, 2008).

O ponto de corte para uma pessoa ser considerada como possível caso depende do gênero. Homens com pontuação inferior ou igual a cinco e mulheres com pontuação inferior ou igual a sete são classificados como “não suspeitos” para TMC. Homens com pontuação superior ou igual a seis e mulheres com pontuação superior ou igual a oito foram classificados como “suspeitos” para TMC. Permitindo assim a obtenção de dois grupos: de um lado os indivíduos com maior probabilidade de ter um transtorno mental comum e de outro, um grupo com maior probabilidade de não o ter (FIOROTTI et al., 2010, ROCHA; SASSI, 2013).

Para o rastreamento de TMC, utilizou-se o SRQ-20 respondido de forma autoaplicável, anônima e facultativa durante as aulas no período de 17 a 25 de setembro de 2017. Ao fim da coleta dos dados, as informações obtidas foram registradas em uma planilha eletrônica do Microsoft EXCEL 2010®, em caráter cronológico e normatizado. Foram calculadas frequências absolutas e relativas e médias das variáveis pertinentes. Homens com pontuação igual ou superior a seis e mulheres com pontuação igual ou superior a oito foram considerados “suspeitos” para TMC.

Esta pesquisa seguiu a resolução 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), que trata e regulamenta as Diretrizes de Normas de Pesquisa envolvendo seres humanos - CAAE: 68093817.9.0000.0014

4. RESULTADOS

A pesquisa envolveu aplicação de questionários em 199 acadêmicos, dos quais 188 foram considerados válidos para o estudo, sendo o restante dado como “perda”, pois não

responderam corretamente ou não devolveram o questionário. Representados por 94 (50%) alunos do primeiro ano (quadro 1) e 94 (50%) do internato (quadro 2). Quanto ao gênero, 112 (59,57%) eram do sexo feminino e 76 (40,42%) do sexo masculino. Quanto à idade, a média foi de 22,16 anos sendo que 51 (27,13%) alunos apresentavam até 19 anos, 77 (42,78%) tinha entre 20 e 23 anos e 60 (31,91%) estavam com 24 anos ou mais.

Quadro 1. Primeiro ano de medicina

1º Ano	Total Geral	Geral "Suspeitos"	Total Feminino	Feminino "Suspeitos"	Total Masculino	Masculinos "Suspeitos"
≤ 19 anos	51	33 (65%)	34	25 (74%)	17	8 (47%)
20 a 23 anos	38	22 (58%)	21	16 (76%)	17	6 (35%)
≥ 24 anos	5	3 (60%)	2	1 (50%)	3	2 (67%)
Total	94	94 (62%)	57	42 (74%)	37	16 (43%)

Fonte: Os Autores

Um aspecto interessante é que a sexta questão (Sente-se nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a)?) foi a com maior número de respostas afirmativas, 144 (76,6%). Por outro lado,

Em relação à saúde mental, 90 estudantes (47,87%) obtiveram pontuação que os classifica como casos "suspeitos" de transtornos mentais comuns. O estudo apontou maior prevalência de TMC entre as mulheres (51, 79%), jovens até 19 anos (50,98%) e acadêmicos do primeiro ano de medicina (53,2%).

a questão com menor número de respostas positivas foi a 17ª questão (Tem tido ideias de acabar com a vida?), 8 (4,25%).

Quadro 2. Internato de medicina

INTERNATO	Total Geral	Geral "Suspeitos"	Total Feminino	Feminino "Suspeitos"	Total Masculino	Masculinos "Suspeitos"
≤ 19 anos	0	0	0	0	0	0
20 a 23 anos	39	20 (51%)	23	17 (74%)	16	3 (19%)
≥ 24 anos	55	25 (45%)	32	21 (66%)	23	4 (17%)
Total	94	45 (78%)	55	42 (69%)	39	7 (18%)

Fonte: próprios autores

5. DISCUSSÃO

Embora a prevalência geral de TMC entre estudantes de medicina seja variável, a prevalência dentro da população estudada (47,78%) foi superior às encontradas por Fiorotti et al., Rocha e Sassi e Almeida et al. que estudaram acadêmicos de medicina de diferentes universidades brasileiras. De acordo com tais autores a prevalência dos transtornos foi de 37,1%; 33,6%; e 29,6%, respectivamente.

A prevalência também foi maior que as encontradas em estudos populacionais realizados

em países industrializados em que varia de 7% a 30%.

O presente estudo apontou maior prevalência entre os acadêmicos do início do curso, primeiro ano, sendo comparável a outros estudos brasileiros. Fato que pode ser justificável devido à fase de frustração causada pelas mudanças de hábitos do cotidiano, dificuldade de administrar tempo devido à excessiva carga de estudo, pouca atividade de lazer, a personalidade ainda em formação (média de 19,83 anos). Não há consenso na literatura sobre o momento do curso no qual o risco de desenvolver transtornos mentais é maior, pois esse dado sofre influência

das características de cada escola médica, das disciplinas, dos professores e dos alunos envolvidos, o que torna complexa a comparação com outros estudos.

A idade com maior prevalência de TMC foi entre os estudantes com até 19 anos (50,98%), sendo explicado pelas transformações e conflitos inerentes da idade além da falta de maturidade em lidar com situações estressantes do próprio curso.

A distribuição de TMC encontrada entre Mulheres (51,79%) e Homens (42,11%) foi relativamente semelhante porém maior que as encontradas em outros estudos. A falta de uma associação entre gênero e TMC pode ser suposta pela aparente igualdade de gênero dentro da esfera social da universidade.

Em relação às respostas do questionário SRQ-20 a questão com maior número de respostas afirmativas (76,6%) foi a sexta questão que se relaciona a sintomas psicológicos do estresse de forma genérica. Apesar da questão 17 ter sido a com menos "sim" (4,25%), ela refere diretamente pensamento de ideação suicida, embora não exista uma base nacional de tentativa de suicídio, e muito menos de ideação suicida, estima-se que para cada 17 pessoas que idealizam, três realizam uma tentativa. No Brasil, o coeficiente de mortalidade por suicídio é em torno de 4,5 mortes por 100 mil habitantes sendo a segunda principal causa de morte entre as pessoas entre 15 e 29 anos (BOTEGA, et al., 2014).

6. CONCLUSÃO

Os resultados demonstram que a população estudada encontra maior vulnerabilidade para TMC. Podendo ser decorrentes de uma associação entre fatores inerentes da idade com eventos estressores característicos do curso de medicina.

De qualquer forma, tais transtornos proporcionam uma série de malefícios aos futuros médicos, visto que ao afetar suas funções fisiológicas, psicológicas e cognitivas compromete o aprendizado, assim os malefícios recairão também sobre os usuários, o que faz com que os "transtornos menores" enquadrem-se como um verdadeiro problema de saúde pública.

Vale ressaltar a responsabilidade das instituições de ensino médico com a qualidade de vida, em especial da saúde mental, do seu alunato. Sendo essa encarregada de articular estratégias para auxiliar no enfrentamento das dificuldades, vulnerabilidades e limitações além de proporcionar reflexão sobre sentimentos e emoções. Disponibilizar informações sobre o perfil do acadêmico de medicina para subsidiar ações de cuidado com a saúde mental e assim contribuir para uma melhor formação profissional foi a intenção primordial desse estudo.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alessandro de Moura et al. Common mental disorders among medical students. *J. bras. psiquiatr.*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 4, p. 245-251, 2007

ANDRADE, João Brainer Clares de et al. Contexto de formação e sofrimento psíquico de estudantes de medicina. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 231-242, June 2014.

BOTEGA, Karoline Pedroti et al. Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. *J. bras. psiquiatr.*, Rio de Janeiro, v. 59, n. 1, p. 17-23, 2010.

BOTEGA, Neury José. Comportamento suicida: epidemiologia. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 231-236, Dec. 2014.

GONCALVES, Daniel Maffasioli; STEIN, Airton Tetelbon; KAPCZINSKI, Flavio. Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 380-390, Feb. 2008.

LIMA, Rebeca Ludmila de et al. Estresse do Estudante de Medicina e Rendimento Acadêmico. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 678-684, Dec. 2016.

MOREIRA, Simone da Nóbrega Tomaz; VASCONCELLOS, Rafael Luiz dos Santos Silva;

HEATH, Nancy. Estresse na Formação Médica: como Lidar com Essa Realidade? *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 4, p. 558-564, Dec. 2015.

NORONHA JÚNIOR, M. A. G. et al. Depressão em estudantes de medicina. *Ver. Med. de Minas Gerais*, Belo Horizonte, MG, v. 25, n. 4, jun. 2014.

ROCHA, Emmanuelle Santana; SASSI, André Petraglia. Transtornos mentais menores entre estudantes de medicina. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 210-216, June 2013.

SILVA, Paloma Alves dos Santos da et al. Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados entre idosos de um município do Brasil. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 639-646, Feb. 2016.